

A mercadorização do futebol e seus impactos na infância pobre

DR. ALESSANDRO SOARES DA SILVA

Pós - Doutorado - Universidade Santiago de Compostela (Espanha). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil). Professor da Escola de Artes Ciências e Humanidades - EACH - da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e Coordenador do programa de Pós-Graduação em Mudança social e Participação Política.

Pesquisador do Grupo de Políticas Públicas, territorialidades e sociedade do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Contato: alessoares@usp.br

Resumo:

O presente artigo trata dos efeitos que a mercadorização do futebol produz nos processos de socialização de crianças de entre 8 e 12 moradores da favela Pantanal na zona leste da cidade de São Paulo. Para tanto, pretendemos aqui debater alguns aspectos que se relacionam com os papéis do brincar e do jogar na vida da criança e como esses fenômenos mercadológicos vividos no mundo dos esportes impactam no cotidiano desses sujeitos alterando a própria experiência infantil.

Palavras chave: Socialização. Jogos. Brincadeiras. Psicologia política. Futebol

LA MERCANTILIZACIÓN DEL FÚTBOL Y SU IMPACTO EN LOS NIÑOS POBRES

Resumen:

Este artículo aborda los efectos de la mercantilización del fútbol producidos en el proceso de socialización de los niños en edades comprendidas entre 8 y 12, que viven en los asentamientos de la zona este del Pantanal en la ciudad de São Paulo. Con este fin, tenemos la intención de discutir algunos aspectos que se relacionan con los roles del juego en la vida de los niños y cómo estos fenómenos, con experiencia en el mundo del marketing de los deportes, impactan en la vida cotidiana de los individuos cambiando sus experiencias a nivel infantil.

Palabras clave: Socialización. Juegos. Diversión. Psicología política. Fútbol.

INTRODUCCIÓN

Brinçar e jogar são dois verbos que estão diretamente associados ao desenvolvimento psicossocial de meninas e meninos. Assimilar e construir regras, valores, negociá-los consigo mesmo e com o outro, etc., são aspectos estruturantes do desenvolvimento infantil. Porém, nos chama a atenção nesse processo *como impacta na vida de meninos a mercadorização da infância?* Nas múltiplas possibilidades de mercadorização da infância, elegemos a do futebol enquanto espetáculo e o impacto desta no desenvolvimento

socioafetivo de meninos pobres entre 8 e 12 anos que vivem na favela do Pantanal na zona leste da cidade de São Paulo. Foram feitas 7 entrevistas qualitativas com meninos selecionados após um mês de observação participante na comunidade e com a permissão de seus pais, sendo elas realizadas em suas casas, sempre após algum jogo na várzea local.

O futebol é o esporte mais praticado no Brasil e o mais popular, sendo jogado, ou acompanhado, por milhões de pessoas. Quem nunca foi ao estádio, ou nunca jogou uma partida, ou ainda, não esteve torcendo por algum time? Joga-se futebol na praça,

na rua, dentro de casa etc., sendo suas regras de fácil compreensão. A paixão dos pais também é importante, pois incentivam desde pequenos a seus filhos a gostarem do esporte.

Tudo isso faz parte de uma infância corrente, na qual competir não chega a constituir um verbo chave na vida destes meninos. Certamente, lhes apetecerá mais ganhar do que perder. Mas perder não será algo que se possa dizer fatal na vida de nenhum deles, pois o que importa realmente é jogar, desfrutar, diverti-se, ou pelo menos um dia foi assim.

Desde a década de 80 do século XX, o futebol deixa de ser um esporte de puro ócio, de desfrute, e assume características de indústria, de espetáculo, de 'show busines' e passa a atingir à população de outra maneira que aquela habitual. O torcedor passa de 'torcedor' a 'consumidor'. É o consumo quem movimenta essa máquina e transforma o cotidiano das pessoas. Observe-se que na televisão, diferentemente de outros esportes existe uma programação específica para o futebol.

Rita Lee em uma de suas canções, faz uma dura crítica ao processo de alienação que a televisão e o futebol põem em marcha ao produzirem no cotidiano das pessoas verdadeiras leis norteadoras de costumes e práticas sociais:

quem MTV, Quem MTViu / No final dos 90 o Brasil tem o pé no Penta / e outro em Chernobyl / A gente explode se for campeão / e depois se fode na eleição / A gente perde a copa e aprende / a eleger quem é honesto e competente / Já dizia o general De Gaulle: este país não é sério / Mais vale um craque de gol / que dois de araque no ministério, / mas que mistério. / (...) / Quem quer trocar a Copa do Mundo / por um Brasil sem Vagabundos? / Chove chuva na terra do sol / Chove cartolas no futebol / Fica assim, combinado então / Se a bola no pé deixar na mão / Que vantagem Gerson vai levar? / É nas urnas que eu vou me vingar, / eu vou me vingar (LEE, s/d)¹.

No Brasil as copas do mundo e eleições gerais ocorrem na mesma data e o efeito de uma vitória

da equipe nacional tende a eclipsar o debate político. Assim, as questões sociais podem passar à margem durante o período do mundial por não estarem relacionados com a festa maior do mundo futebolístico.

Mas não é apenas o Brasil quem pára para ver a copa do mundo. Isso faz com que o mito "Brasil, o país do futebol" seja posto em xeque.

Em épocas de Copa do Mundo, por exemplo, temos a nítida sensação de que aqueles que acompanham o futebol no dia-a-dia encaram a competição como um expressivo evento esportivo, certamente emocionante e de uma qualidade superior devido ao alto nível técnico dos jogadores que compõem as seleções, mas não fazem necessariamente da seleção a "pátria de chuteiras"- expressão cunhada pelo escritor Nelson Rodrigues para exprimir o papel da seleção brasileira nos anos 50 e 60 (GORDON; HELAL, 2001, p.101).

Desde que chegou ao Brasil, o futebol tornou-se um esporte de caráter popular graças a regras simples e de fácil compreensão e de não exigir equipamentos caros e complexos. Jogar futebol dependia de se ter uma bola, dois marcos que servissem de goleiras, uma área razoável e os desportistas.

Ele era, e é, um esporte acessível a todos os homens, sendo a prática deste esporte por mulheres vista, muitas vezes, como masculinização do feminino. Mesmo a presença feminina em um estádio de futebol ou sua atuação como juíza, comentarista ou repórter esportivo que sabe de futebol é algo recente e não assimilado completamente.

A ideia de que o Brasil é o país do futebol contém uma expressiva força simbólica que contribui para a construção de uma dada identidade coletiva. Ela produz a sensação de brasileiros/as serem "membros de uma nação singular, diferente das demais, mais bonita e alegre" (GORDON; HELAL, 2001, p. 100).

Estas impressões fazem com que as pessoas, de modo geral, vivam um empoderamento fictício mediante o qual todos e todas são futebolistas de sangue, técnicos por natureza. Desta feita, o futebol funciona como uma das válvulas de escape mais acessíveis às classes mais pobres da população.

¹ LEE, R. **MTeVé**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/rita-lee/m-te-ve.html>>



Pode-se dizer que o futebol funciona, desde a perspectiva psicossocial, não só como instrumento de lazer e ócio, mas como *panis et circus* útil a muitos governos e políticos garantindo a sua manutenção no poder e o controle das massas. Portanto, essa dita singularidade não se sustenta enquanto atributo particular de brasilidade, pois é muito mais global.

Muitas vezes se observa frente às derrotas da seleção brasileira, comentários como: *a coisa esta mal mesmo! Nem no futebol conseguimos ganhar! Estamos de mal a pior. Agora nem mesmo no futebol conseguimos algo!* Note-se nestas expressões a relação entre auto-estima e vitória da seleção. Visto que se produz o fenômeno do empoderamento pessoal vinculado ao sucesso das equipes, as derrotas produzem o fenômeno inverso. Perder significa perder a última das esperanças de se obter algum tipo de sucesso.

A prática do futebol enquanto *brincar e jogar* pelo simples prazer de fazê-lo, já não é algo tão determinante no universo infantil. O que se apresenta como cada vez mais determinante é a idéia da competição, da concorrência impregnada pela idéia de ser o esporte uma forma privilegiada de ascensão social. São inúmeras as chamadas escolinhas patrocinadas por atletas de diversos esportes e por muitos clubes com o fim, nem sempre explícito, de formarem a crianças como atletas profissionais desde tenra idade. Com isso, muito da infância se esvai entre a rígida rotina dos treinos e a dos estudos. Jogar e brincar passam a ser palavras com significados distintos daquelas que conhecemos e das que elas mesmas teriam se não estivessem enquadradas em uma miniatura do mundo adulto, privadas da liberdade que caracteriza o brincar e o jogar como bem recorda Huizinga (2002). É nesta realidade das *escolinhas* e em meio ao discurso de que o esporte salva das drogas e da marginalidade que governos e desportistas profissionais costumam sustentar ao futebol como esporte de maior relevo no Brasil e o melhor *caminho salvífico*.

Assim, nos chama a atenção o modelo hegemônico de prática e de ensino do esporte, de modo geral, e do futebol especificamente. Tal modo de ensino praticados em *escolinhas*, e em muitas unidades de ensino, valoriza o binômio vitória e derrota; a sobrepujança, a rivalidade, a competição, e outros. Mudar este quadro se torna

um desafio, pois esta racionalidade encontra-se assimilada de maneira significativa, sendo que trabalhar com outro modo de ensino que não esteja estruturado nesta conceituação não é algo fácil. Educar no campo da educação física exige-nos uma postura diferenciada e nos coloca diante de novas competências a serem adquiridas mediante processos educativos revolucionários nos quais a sensibilidade comporia de modo fundante a cena educacional.

Oliveira (2002) aponta para a urgência da ressignificação das práticas esportivas. Ao invés de se apostar na concorrencialidade do esporte seria adequado e revolucionário apostar na educação para a sensibilidade, gerando o que chamou de '*competências revolucionárias para o século 21*'.

A educação da sensibilidade pode ser melhor compreendida ao se identificar que, concomitantemente à apreensão do conhecimento, estão as relações humanas estabelecidas no contexto educacional, elementos que perpassam todo o processo educativo, pois é na mediação do conhecimento e por meio das relações humanas estabelecidas e privilegiadas [...] que se encontra uma real possibilidade de apreensão e ressignificação social da cultura (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Tais considerações nos levam a entender o peso que a ação externa dos meios de comunicação têm sobre a população e, em especial, sobre as crianças que estão em fase de socialização tanto primária quanto secundária. Estas atuações externas sobre as crianças servem para levá-las a internalizar os discursos da concorrência e da ascensão social tão presentes na sociedade ocidental conduzida pela lógica de mercado. Assim, toda esta deferência dispensada pela televisão para o futebol de alto rendimento, futebol espetáculo, acaba influenciando diretamente nos sonhos de crianças que não têm perspectiva de melhores condições de vida. Estas crianças incluídas no espaço da infância pobre acabam encontrando no futebol a esperança de conquistarem um melhor status para suas vidas. E essa esperança encontra eco nos discursos oficiais mantidos por governos tanto de direita quanto de esquerda.

Tratar da infância pobre e de sua relação passa pelo debate da dialética da exclusão/inclusão. A



exclusão social opera nas diferenças de classe, de etnia ou de gênero que atravessam a sociedade e a infância e acabam afetando de modo muito expressivo as crianças, marcando-as de modo indelével. Mais do que tratar genericamente da crise social da infância, é mister pensar como a dialética da inclusão/exclusão social gera espaços de subordinação-dominação-exploração travestidos de inclusão e promoção da justiça social. E nesse cenário um elemento largamente utilizado é o universo social do futebol fetichizado pelo mercado. O mercado se materializa enquanto um espaço estrutural da produção dominado elementos baseados na lógica perversa da dialética da inclusão/exclusão social.

Esta lógica se ancora na incidência da pobreza que propicia a criação de novas desigualdades inerentes ao acesso desigual aos bens disponíveis no mercado. No caso da infância pobre se pode verificar essa dinâmica perversa do mercado no não-acesso de produtos para a infância pelas crianças pobres. Essa limitação faz com que se tornem restritas as suas opções para construir fantasias. Mais faz com que suas fantasias sejam assumidas como caminhos reais de transformação de sua realidade social. E o futebol é um dos elementos que toma esse espaço e passa a ser uma fantasia meta de vida para muitas crianças pobres. O futebol não atua nesse universo como um a utopia, mas como uma fantasia alienante e limitadora da realidade e da existência dessas crianças.

FUTEBOL: DO PRINCÍPIO DO PRAZER AO PRINCÍPIO DO MERCADO

A importância da brincadeira na infância é incontestável do ponto de vista psicossocial. É nos espaços lúdicos que elas passam pelos processos de socialização primária e secundária, que elas internalizam normas, constroem e assumem papéis sociais. Freud (1973) nos aponta para um aspecto importante da ludicidade. Referimo-nos aos aspectos da poética que marca o lúdico: “Toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo em acordo com suas conveniências” (FREUD, 1908,

apud FREUD, 1973, p. 70)². No entanto, não se pode pensar que essa poética presente no lúdico vivido pelas crianças, seja descolado da realidade social na qual constrói seu cotidiano. Por certo, essa poética eivada da realidade contextualizada de cada criança particular é, em alguma medida, expressão de liberdade construída mediante suas próprias experiências e significações do mundo.

Assim, a criança constrói, gratuitamente, um repertório lingüístico, corporal e gestual. Ao longo desta gestualidade gratuita, impulsiva mesmo, se produz, casualmente, em si mesma ou no ambiente, efeitos interessantes, agradáveis que a criança tende a procurar e a encontrá-los na medida em que ela constrói sua corporeidade, assimila e transforma a linguagem e produz signos aos quais ela mesma atribui, livremente, sentido mediante suas práticas sociais. Embora gratuita, ou talvez, porque gratuita, esta forma de gestualidade é a fonte do novo e de descoberta. Brincar é uma atividade séria e levada seriamente pela criança e, portanto, que não se deve opor a seriedade ou aproximar da idéia de não seriedade ou mesmo tutelar no intuito de fazer com que o universo infantil se aproxime mais do universo adulto. Faz-lo é tolir a criança de um direito fundamental: o direito de ser criança.

A questão é que não há um brincar universal porque não há um sujeito universal e nem condições iguais para que se brinque, condições que garantam um acesso igualitário ao brincar. No momento em que na sociedade se estabelecem desigualdades de classe, raça, gênero, orientação sexual e idade não se pode mais pensar que pelo fato de se permitir que crianças brinquem ocorrerá um desenvolvimento igualitário. Na verdade, em dadas condições brincar pode ser mais ou menos brincar, ou seja, em dadas condições uma fantasia expressa em um faz de conta é apenas um faz de conta e em outras essa fantasia pode ser um desejo a ser perseguido com o intuito de *salvar* a si e a família da desigualdade. Nesse sentido, o mercado e o acesso a este são questões que possuem um papel relevante no mundo de crianças pobres, pois podem ser determinantes do tipo de infância que se poderá acessar.

As experiências e o aprendizado de cada criança fazem com que a cultura lúdica de cada

2 FREUD, S. *La création littéraire et le rêve éveillé*. 1908.



uma delas se diferencie, torne-se singular. Em outras palavras, são alguns fatores, como as pessoas com as quais convive, o lugar no qual estão inseridas e a cultura dessa região, as brincadeiras com as quais brinca, os materiais dos quais dispõem etc., que vão determinar a cultura lúdica de cada criança. Brincar habitualmente implica em apropriar-se livremente daquilo que a vivência permite-lhes experimentar.

Ao voltarmos-nos a elas, percebemos que no discurso das crianças está presente a força do mercado, isto é, a tutela do capital sobre a *gratuidade* do brincar. Com isto queremos dizer que aquela visão da brincadeira como uma atividade poética não pode ser real de maneira estrita, pois todas as criações infantis encontram-se calcadas em referentes produzidos pelo mercado, pela indústria cultural. Verificou-se que crianças entre 8 e 12 anos pautam seu brincar gratuito nas perspectivas de ascensão social aos moldes dos poucos *Ronaldinhos, Ronaldos, Rivaldos, Robinhos, Kakás* etc. que surgem da imensa massa de atletas que vivem à margem dos holofotes da grande imprensa. Brinca-se de futebol, mas à luz do que seria o futebol espetáculo que resulta da mercadorização do esporte, a qual tem influenciado nas outras manifestações culturais produzidas socialmente. O Esporte-Espetáculo, e em particular o futebol-espetáculo, é um fenômeno produzido em uma sociedade de consumo e comunicação de massa organizada de tal maneira a difundir sons, imagens e informações, configurando-se um meio de controle social, de construção, manutenção e perpetuação de uma sociedade de consumo.

O futebol, que seria uma brincadeira como outras tantas, se torna um objeto de consumo, algo a ser consumido, almejado principalmente pelas crianças, perdendo-se, então, todos estes benefícios que o jogar, o brincar e o lúdico que ele poderia lhes proporcionar. Vai-se da lógica do prazer à lógica do mercado, sendo o prazer possível caso esteja de algum modo subordinado a este.

Todavia, lembremos que quando pensamos no brincar e no jogar logo nos vem à mente a falaz idéia de que brincar e jogar sejam coisas pouco sérias e até mesmo descoladas da realidade. Portanto, deixar de brincar ou de ser uma brincadeira não seria, em uma sociedade de consumo, algo grave. Grave seria se, ao fazê-lo, isso gerasse algum

prejuízo econômico. Ao profissionalizar o futebol, também se *profissionalizou o brincar*, ou seja, se brinca, mas sem que gratuidade, liberdade, colaboração sejam componentes dessa ação.

Autores como Dewey (1961), Mead (1972) e Sass (1992) apontam que o brincar é marcado, sobretudo, pela ausência de regras que estejam necessariamente consolidadas. A consolidação da regra e a necessidade de outros que compactuem delas está presente num segundo momento; está presente no momento do jogo.

Além do brincar também o jogar é importante na construção do desenvolvimento infantil, na vida da criança. Ele é um instrumento capaz de possibilitar um aprendizado de novas experiências que possibilitarão e darão à criança novos desafios a serem ultrapassados. Ela deverá aprender a arte de negociar não mais com atores imaginários e sobre os quais ela exerce controle, mas com atores sociais concretos que também possuem desejos a serem realizados (SASS, 1992; SILVA, 2001). Assim, a criança adquire e constrói sua cultura lúdica brincando. O desenvolvimento da criança determina as experiências possíveis, mas não produz por si mesmo a cultura lúdica, pois esta resulta das interações sociais ((BROUGERE, 2002).

O processo que levou à mercadorização do futebol passou pela transformação das possibilidades de interação e socialização. Tal mudança se incrementa nos anos de 1970. Um elemento importante para a mercadorização do futebol pode ser identificado na atuação da FIFA, que acaba por forçar a profissionalização em detrimento de um ethos amador e de uma visão romântica e popular do futebol. Com a emergência da televisão, e com a comercialização dos direitos de transmissão televisiva dos jogos, se instala definitivamente a tendência de mercadorização do jogo, o qual passa a ser produzido, cada vez mais, tendo por objetivo a sua venda. O futebol brincadeira da várzea, da rua, muda, passa a ser jogados com modelos produzidos pela mídia, passa a ser um espetáculo a ser *imitado*.

Essa mudança é significativa porque transforma os caminhos da socialização proporcionados pelo futebol, pois como recorda autores como Kunz (1994), a criança forma seu imaginário social, cultural e lúdico através de seu pensar, agir e sentir exercidos no brincar e no jogar, ao menos até a

adolescência, quando estes dois termos ganham novas significações. Mas a criança ao brincar e ao jogar quer interagir com o mundo e com o outro, torna-se capaz de se expressar de maneira particular, construindo sua própria realidade e reconstruindo sua existência, assimilando as regras e expectativas sociais e interagindo com estas. Quando falamos da mercadorização do futebol, estamos falando da ação nefasta da indústria cultural sobre elementos que mantêm uma relação importante com a infância.

O futebol é hoje uma disciplina do corpo, onde o trabalho físico e médico é levado ao extremo. Pretende alcançar as maiores performances na competência técnica e, parece não se considerar outras dinâmicas presentes nessa prática, e que são as que realmente são humanizadoras. Os métodos de treino acentuam, à exaustão, a competição e a rivalidade no instante em que os figurinos técnicos e táticos no jogo são destacados como elementos principais para garantir a disputa com os adversários e a vitória sobre estes. Nesse movimento, esquece-se daquilo que é central no jogo.

O futebol não é uma mera prática de essência física, ela produz e é produzida no âmbito cultural. Se, por um lado, a superação de um desafio, a beleza de um passe e o domínio da bola faz parte de um espetáculo coletivo, por outro existe uma dinâmica coletiva que gera práticas sócio-culturais que ultrapassam as quatro linhas do campo e os limites da telinha. Ora, o futebol é uma prática sócio-cultural que pode desenvolver nos jogadores e nos aficionados um domínio axiológico mediante o qual valores como solidariedade, esforço coletivo, respeito pelos contendores e pelas regras de bem viver em sociedade estarão em primeiro plano, sendo inclusive uma ocasião de reflexão e formação crítica. Mas com a mercadorização dessa prática é exatamente isso o que o futebol deixou de fazer ou se o faz de maneira ineficaz, pois o que está em relevo é a competição e o desejo particular de ganhar e satisfazer-se pessoalmente. Há toda uma estrutura voltada para a mercadorização tanto do jogo quanto do jogador, que atende a obtenção do lucro com a venda do espetáculo. Esta realidade traz importantes impactos na formação de crianças que ainda não tem uma consciência crítica formada e pode contribuir imensamente à acriticidade delas.

Contemporaneamente o futebol, não só no Brasil, tem se vinculado à empresas de modo a ser gerenciado cada vez mais como uma oportunidade comercial altamente competitiva, sendo que esse elemento passa a funcionar como um verdadeiro evangelho do capital e não como um instrumento lúdico que possibilita espaços de sociabilidade e socialização, de ludicidade que resgatem a autonomia da razão, que fomentem no ser humano a capacidade de pensar sobre si mesmo.

O esporte, na atualidade assume inegavelmente o caráter de mercadoria e passa a ser mercantilizado exatamente porque ele transforma seu sentido lúdico e gratuito em oportunidade de ganância econômica enquanto espetáculo comercial. Dizer que o futebol é uma mercadoria, ou que ele foi *mercadorizado* é uma questão importante, a nosso ver, porque indica que algumas das características do jogo e da brincadeira são *atropeladas* nesse processo. Em nossa concepção, o futebol ao ser mercadorizado e, na seqüência, mercantilizado, perdeu grande parte de seu caráter de gratuidade, de espaço de exercício da liberdade imaginativa que uma criança exerce através do jogo sobre sua própria existência. Os elementos mercadológicos passam a ser os marcos que deslindam uma pseudo-liberdade, que aprisionam a imaginação segundo os modelos e valores da vez a exemplo do que faz a boneca Barbie no plano do imaginário feminino e, particularmente de meninas. Com ela, já vem prontos os valores e dimensões do ser mulher, os quais são parâmetros incontestáveis e consagrados pelo mercado. Há um congelamento ou mesmo a suspensão da fantasia e da imaginação livre. Parece-nos que tanto a Barbie quanto o futebol mercadorizado conduz à *adulteração* o universo infantil.

O CASO DE RAFAEL

Ao responder a pergunta “... *izo que você vai ser quando crescer?*”, Rafael, 12 anos, diz, rindo e confiante: “*jogador de futebol*”. Conhecido entre seus familiares e amigos como Fael, é filho de uma retirante Pernambucana. Vive no Jardim Pantanal faz dois anos somente com sua mãe que sofre gravemente de pressão alta. Com a mãe impossibilitada de prover o sustento do lar e sendo o pai falecido, Rafael tem sua casa sustentada por

três irmãos maiores, com os quais não vive mais, e por um tio que é presença constante na casa.

Ao ser perguntado sobre os motivos pelos quais decidira ser um jogador de futebol, responde que o desejava “(...) para tirar os meninos da rua, trabalhar, ter uma família boa. (...) Tirar as pessoas pobres da rua, negócio de lazer para elas, arrumar as creches (...) Porque muitas pessoas, que morrem de fome, aí pelo menos ajuda. Não quero mais ser pobre, quero ser como o Romário: joga muita bola e além disso é rico e famoso!”. Está presente em sua fala o claro desejo de superar as adversidades vividas por eles e por aqueles com os quais se identifica. Há aí um propósito claro de transformação do cotidiano fundamentado no desejo de jogar futebol, bem como no repertório que acompanha o ‘ser jogador de futebol’ e que já discutimos anteriormente. Assim, a idéia de jogar futebol está fortemente ligada à idéia de ascensão social aos moldes daqueles jogadores nos quais se inspira.

Seu herói jogador é Romário. O primeiro motivo que ele apresenta para indicar este jogador como sendo seu herói, seu ídolo, se deve as aptidões de Romário como jogador e não necessariamente em seu status social privilegiado adquirido mediante a prática futebolística. Alguns valores de cunho cristão deste jogador são enaltecidos pelo menino. Ele diz que gosta de Romário “(...) porque ele joga, não arruma confusão, tá na boa”. Tal valor atribuído ao jogado, tal identificação em nada é abalada quando o menino é lembrado de que Romário agredira um companheiro de equipe durante uma partida no campeonato brasileiro de 2002. Diz Rafael frente ao fato, justificando-se: “(...) é, ele tava com raiva, acho”.

Ronaldinho também está incluído em sua galeria por razões semelhantes. Como Romário, ele também ajuda aqueles que não tem condições de ter uma vida mais digna. Eles são legais não só porque jogam bem, mas porque não se esqueceram das suas origens. Assim ele define os motivos mais do que suficientes para que ele seja um modelo de herói politicamente correto, ainda que para outros que não ele próprio. Diz Rafael: “(...) porque ele joga muito, tem habilidade, faz gols ajuda as crianças. É bem legal, ajuda, Ronaldinho também ajuda. Quero jogar bastante para ajudar também. Ajudar minha mãe”. Novamente ele afirma o que já dissera anteriormente ao referir-

se a Romário. Quero ser como ele simplesmente “(...) porque ele joga bem mesmo”.

Rafael conta ter o apoio familiar desde que ele não ingresse no mundo das drogas, do vício. Em suas palavras vemos a centralidade dessa preocupação, pois no bairro onde vivem, não é difícil ingressar nesse mundo desde tenra idade. Não poucas vezes esse é o caminho mais rápido e seguro de ele alcançar seu objetivo: melhorar sua vida e a da família e amigos. Eis um trecho da entrevista no qual ele relata essa questão: “A [família] fala se algum dia, se eu ser jogador de futebol, é prá não entrar no mundo das drogas, igual a outros moleques. Aqui muita gente já morreu ou ta presa. Minha mãe tem muito medo e eu também”.

No caso presente, o mito do herói jogador é resultante de “[...] uma evidente construção, pela mídia e por interesses do capital, do personagem que representa o ideal de muitos” (CAVALCANTI, 1999, p, 240) e, portanto, desta criança. Como podemos observar, a infância encontra-se como que *tutelada* por *Goliás*, limitada em sua possibilidade de ser livre. Brinca-se sem perder de vista o compromisso de ser visto e, um dia comprado por um bom time. Jogasse futebol não apenas pelo prazer de se jogar, mas “(...) por causa de um sonho, futebol em fases, tipo assim, vai e joga, e o time vai e fica de olho em você e vai e te compra. Eu treino todo dia e rezo pra eu os cara me vejem”.

Importa registrar aqui que na televisão a sua programação preferida é assistir desenho, filmes e aos domingos jogos de Futebol. Rafael disse que assiste a jogos inteiros de futebol na televisão. Como Palmeirense, “(...) assisto aos jogos do meu time. Porque eu também quero tar lá um dia!”. Como qualquer criança que se inspira em seus ídolos, também pensa em ser jogador e estar ali na TV, também gostaria de ser um daqueles que vê jogando dominicamente. De maneira intermitente vai se condicionando o brincar, o sonhar e a condução da vida rumo ao futuro. Vê-se que por detrás de uma política esportiva patrocinada pela mídia e sustentada por práticas governamentais, ocorrem desdobramentos cotidianos que alteram os processos de socialização infantil.

Esse menino já jogou em pelo menos dois times: ADC/Guarulhos e no Colorado/Guarulhos junto com outras crianças de todas as idades,

sendo que nesses times estão concentradas as crianças cuja idade varia entre os 12, 13 e 14 anos, que tentam passar nas inúmeras peneiras para serem vistas e escolhidas pelos 'olheiros'. Nessa ânsia de ser descoberto muitas vezes apostam em promessas que não passam de engodos e pilantragens. Rafael passou por isso. Trinta reais, a título de auxílio, fora cobrado de dele e de amigos que participaram de uma peneira em um time que supostamente disputava o campeonato *Copa do Brasil*. Tudo era mentira. Foram ludibriados por um falsário que desapareceu com o dinheiro. Segundo conta Rafael, "ele era de Guarulhos, ele fugiu. Ele roubou nosso dinheiro, aí passou quatro dias e não veio mais, aí souberam que ele fugiu. Tinha mais ou menos, uns 32 [meninos no teste]. O nome dele (...) ele pegou o nome errado. Ele deu, é Luis Carlos!"

Graças a essa combinação feita entre o sonho de jogar e o desejo de ascender socialmente é que esses meninos e seus responsáveis caem em *contos do vigário*. Fael conta que esse tal Luis "falou que nós ia jogar a copa, ia disputar com outros times, Palmeiras, Vasco, Ituano, esses times. Eu tava bem animado até achei que ia ser visto por algum cara. Mas era mentira". Mexe-se com um imaginário repleto de ilusões e põe-se em risco desde cedo a pureza destas crianças. Rafael reclama do comportamento adulto, e com razão, visto que sua experiência fora frustrante: "(...) ah, penso que o cara que fez isso não tem mentalidade, rouba as crianças, não sei pra que isso. (...) Eu queria que ia preso, porque ele fez.". Apesar disso, ele ainda mantém o sonho de brilhar, um dia, no mundo da bola: "(...) ah, eu penso algum dia, eu for em algum clube fazer o teste e em fé em Deus, eu passo".

Quando perguntado em que mudaria na sua vida em sendo jogador, Rafael respondeu o seguinte: "(...) mudaria tudo, ia ficar mais alegre ajudar um monte de pessoas, tirar alguns muleques que fica aí na rua jogado. Ia dar uma casona pra minha mãe daquelas da tv".

Caso o sonho de ser um jogador de futebol torne-se inviável, Rafael disse o seguinte: "(...) eu queria ser professor de Educação Física". Perguntado sobre o porquê desta escolha, o menino aponta motivos que revelam bastante da prática deste profissional, mas desde uma tradição biofisiológica e técnica, estando ela associada a uma visão também *salvífica* da Educação Física. Nesse caso,

a Educação Física é entendida como sinônimo de Esporte; como um conjunto de práticas através das quais as complexas questões de desigualdade econômico-sócio-culturais devem ser enfrentadas a partir da prática desportiva de alto rendimento. Rafael quer, portanto ser professor de Educação Física porque este profissional "(...) manda fazer exercícios, polichinelos, e outro negocio lá (...) Dá futebol, basquete, e handebol e evita as droga" e porque, através desta atividade profissional, poderá atuar "(...) para tirar as outras pessoas da rua, fazer uma quadra, par investir lá".

Assim, para Rafael é fazendo as crianças irem para a quadra que se poderá superar os problemas sociais próprios da infância e juventude e que são mais visíveis entre aquelas crianças que vivem na pobreza sua infância e juventude. Visão igual é diuturnamente transmitida pelos meios de comunicação que aplaudem esse tipo de postura propalada por inúmeros profissionais, atletas e ONG's.

Os processos de socialização vividos por Rafael, e também por seus colegas, apontam para elementos nos quais o brincar é um espaço efetivo de assimilação dos desafios e problemáticas do mundo adulto. Seja como jogador ou como professor ele entende que "na hora de brincar a gente aproveita pra treinar sério e ficar mais bom. Se eu pudesse eu brincava mais de jogar bola porque daí eu ia ser melhor e ter mais chance nas peneira dos clube. As vezes em dia de peneira eu nem vou pra escola pra treinar um pouco mais". Rafael estuda a 4ª série do ensino fundamental, a qual repetiu duas vezes por excesso de faltas e "muitos treinos". Segundo ele, "até gosto de estudar, mas o que eu quero mesmo é ser jogador de verdade e aí eu preciso jogar bastante. Acho eu a escola atrapalha pro que eu quero e aí eu falto. Minha mãe não gosta que eu falte, mas eu falto igual por que eu vou ser é jogador". De certa maneira, vê-se que Rafael internalizou o futebol como o elemento redentor de sua existência, como o produto que poderá resolver as conseqüências indesejáveis de sua condição de vida. Não é a educação que lhe abriria esse caminho, mas o futebol, o futebol da televisão, a mercadoria futebol que além de espetáculo movimenta a economia de muitas marcas e que enriquece a alguns, entre os quais seus ídolos, seus heróis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observarmos atentamente estes dados, notamos que crianças que habitam bairros pobres como o Jardim Pantanal, encontram no futebol a esperança de um dia poderem sair dali, tirar seus pais dos riscos de violência, e também conseguirem algo de bom na vida. O futebol transmitido pela mídia torna-se a uma tábua de salvação.

Recordamos que algo marcante durante o processo de nossa investigação era o ato de o grupo de meninos com os quais Rafael jogava reunirem-se na casa dele para assistirem o jogo e logo em seguida saírem em disparada para o campo ensaiar as melhores jogadas da partida que haviam assistido juntos. No dia da entrevista com Rafael, eles haviam visto um desses jogos com audiência expressiva e ampla cobertura midiática. Correram até o local onde costumavam jogar e lá treinaram as melhores jogadas da partida e se reconheciam a partir do nome de algum dos jogadores que estiveram em campo naquele jogo. Entre uma jogada e outra disputavam para ver quem teria o passe mais valorizado e disputado pelos times europeus. Mais tarde, quando da entrevista com Rafael ele disse o seguinte quando perguntado porque escolhera ser um jogador e não outra coisa: *“(...) olha eu quis ser jogador por causa do Romário na televisão. Ele tava sempre na televisão e eu queria ser como ele. Eu queria era estar lá com ele. Meu sonho era jogar com ele, mas acho que vai ser difícil, mas vou tentar. Eu até posso ser professor de Educação física como falei, mas professor, mas isso não dá dinheiro e eu quero ajudar os outros que nem Romário. A gente vê ele ajudando e quer fazer igual. Sei queria ser que nem que ele”*.

Essa realidade vivida pelo garoto decorre da força não apenas da popularização do futebol, mas da capacidade que esse mesmo jogo adquiriu de produzir fetiches, de construir heróis cuja história depende de como a mídia se relaciona com esse ídolo. O talento de um jogador acaba sobrevalorizado, ele passa a ocupar espaços imagéticos que muitas vezes está distante da realidade, mas que se tornam determinantes nas escolhas, nas primeiras escolhas de garotos como Rafael e seus amigos. Nesse sentido o brincar encontra-se tutelado por um projeto de vida que não depende dele e com o qual ele conta de modo

decisivo. É um brincar mediado pelo mercado gerador de uma indústria cultural de sonhos que nem sempre são possíveis, mas que determinam a realidade alienada de muitas pessoas. Tal alienação começa cedo, começa em muitos casos com a transmissão de um primeiro grito de gol de narradores entusiasmados de que transforma homens em mitos e acendem em nossas crianças pobres sonhos sem dar-lhes oportunidades de concretizá-los.

Como vimos nesse trabalho, a paixão do brasileiro pelo futebol costuma se manifestar, quase exclusivamente, nos estádios, na mídia esportiva e em algumas obras literárias que, na maioria das vezes, dedicam-se mais aos resultados dos clubes ou a histórias de craques do passado do que propriamente à análise teórica do futebol na forma da pesquisa científica. Nesse texto procuramos mostrar que o futebol não é apenas um jogo, cujo saber possa ser esgotado nos comentários de torcedores e jornalistas. Ele é uma modalidade esportiva relevante não apenas para o movimento humano, mas para a compreensão do comportamento político e dos processos de socialização de crianças e jovens. Assim, este artigo visa contribuir para a reflexão crítica das relações psicopolíticas que existem por detrás do mundo da bola, de um jogo de futebol. O ensino-aprendizagem do futebol no cotidiano das crianças, na Educação Física escolar ou nas chamadas *escolinhas* ultrapassa em muito a simples atividade física e esportiva, visto que ela está eivada de sentidos e significados políticos que são constantemente reproduzidos no mundo da mídia. Nesse sentido, podemos dizer que o depoimento de Rafael é bastante revelador.

Não se tratou aqui de uma cruzada contra a mídia e aqueles que fazem do futebol seu espaço de trabalho e instrumento de mudança social. Tratamos aqui apenas de olhar de maneira crítica para esse universo, tratamos de marcar nosso olhar preocupado com maneiras de dominação-exploração dissimuladas em divertimento e que tiram da criança um bem que deveria ser inalienável: a própria infância marcada pela gratuidade despreocupada da ação lúdica. Como dizia o sociólogo Herbert de Souza *“olhar a criança com os olhos do Estatuto da Criança e do Adolescente, é desejar para os filhos dos outros o que desejamos para nossos filhos”* (DE



SOUZA, 1994, s/d). De fato, essa possibilidade de proporcionar ao filho dos outros o que desejamos aos nossos, passa necessariamente por uma reestruturação de marcos distributivos de renda e de acesso a educação, devolvendo ao brincar a sua gratuidade, sua voluntariedade. Nesse cenário, pensamos que o futebol, elemento marcante de nossa cultura nacional, possa vir a tornar-se outra vez um momento fruído onde moleques possam correr airosoamente atrás de uma bola sem preocupar-se com um amanhã com um rosto tão prementificado pelas desigualdades sócias.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. A Indústria Cultural. In: Coleção. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1997.
- BETTI, M. **A janela de vidro esporte televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus, 1998.
- BOURGIERE, G. A criança e a cultura lúdica. In: Kishimoto, T.M. **O Brincar e Suas Teorias**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.
- CAVALCANTI, Z. **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Editora Musa, 1999.
- DEWEY, J. **El hombre y sus problemas**. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- FREUD, S. **Essais de psychanalyse appliquée**. Paris: Gallimard, 1973.
- GORDON, C.; HELAL, R. Futebol-mitos e representações do Brasil. In: GOES, F.; VILLAÇA, N. **Nas fronteiras do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. Madrid. Alianza Editorial, 2002.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- LEE, R. **MTeVé**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/rita-lee/m-te-ve.html>> Acesso em: 24 set. 2011.
- MEAD, G. **Espíritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- OLIVEIRA, D. T. de. **Por uma ressignificação crítica do esporte na Educação Física: uma intervenção na escola pública**. 2002. 170 p. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, Campinas, 2002.
- SASS, O. **Crítica da Razão Solitária: a Psicologia Social de George Herbert Mead**. 1992. Tese de Doutorado em Psicologia Social. (Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica. PUC, São Paulo, 1992.
- SILVA, A. Consciência e Participação Política: uma abordagem psicopolítica. **Revista Interações**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 69-90, jul-dez, 2001.
- SOUZA, H. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.